

# Assistencialismo ou pedagogia?

O caráter assistencialista foi o argumento para a radicalização de posições tanto dos admiradores quanto dos opositores do Programa Especial de Ensino. Quem era a favor de Brizola via a alimentação e a assistência médico-dentária como pontos principais dos Cieps. Os opositores viam como demagogia política ou perda de um princípio básico de cidadania: afinal, o papel da escola é educar. Seis anos depois, os dois lados da moeda reexaminam suas posições.

Uma dessas pessoas é a professora de Educação da PUC e da UFRJ Zaiá Brandão, que foi Diretora Geral de Ensino do Governo Moreira Franco.

— Acredito que, quando a Educação abre mão do seu papel de só educar para tutelar outras responsabilidades, ela está, na verdade, deseducando para a cidadania. A escola não tem de alimentar e guardar os filhos. Mas, como a situação hoje é ainda mais caótica, começo a achar que o Darcy pode ter razão. Os Cieps não resolvem, mas adiam o problema das crianças — explicou.

A professora da UFRJ Ana Chrystina Mignot, autora da primeira tese de doutorado sobre Cieps no País, também está revendo suas posições.

— Achava que o programa de educação não poderia assu-

mir tantas responsabilidades, porque senão a verba destinada à educação acabaria servindo às questões assistenciais, sobrando muito pouco para a melhoria do ensino, reforma de escolas e aumento de salários dos professores. Se esse plano não é o vilão, também não pode ser visto como salvação nacional — afirmou.

A Secretária de Educação do Estado, Maria Yeda Linhares, tem dado ênfase às questões pedagógicas. Segundo ela, a questão assistencial é necessária para que as crianças menos favorecidas consigam condições mínimas de alfabetização, mas o objetivo do projeto não é assistencial.